

AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DA POPULAÇÃO EM RELAÇÃO À ESPOROTRICOSE NA CIDADE DE PELOTAS – RIO GRANDE DO SUL

THAÍSA DA SILVA DIAS MUNARETO¹; MARTHA BRAVO CRUZ PIÑEIRO;
ANTÔNIO GONÇALVES DE ANDRADE JUNIOR²; MÁRCIA DE OLIVEIRA
NOBRE³

¹Universidade Federal de Pelotas – thaisasd@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – martha.pineiro@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – antonio_3@icloud.com

³Universidade Federal de Pelotas – marciaonobre@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A espécie mais predominante de esporotricose em gatos das regiões Sul e Sudeste do Brasil é a *Sporothrix brasiliensis*, sendo que as formas de transmissão para humanos incluem a ocupacional e a zoonótica. Trata-se de um fungo geofílico, distribuído amplamente na natureza, e sapróbio, isto é, que depende de matéria orgânica em decomposição para sobreviver, assim ele é encontrado em solo rico em matéria orgânica, em folhas secas, madeira e espinhos (BAZZI, 2015).

O potencial zoonótico da doença de felinos para o homem, está caracterizado pela grande quantidade de microrganismos encontrados em lesões de gatos infectados pela esporotricose e pelo hábito que os felinos exercem de coçar, sendo que publicações em todo o mundo descrevem o gato doméstico como uma das fontes de infecção do fungo (SOUZA, 2006). Por conseguinte, gatos saudáveis podem tornar-se portadores do agente nas unhas e cavidade oral pelo hábito de enterrar dejetos e afiarem as unhas em árvores, além do mais, há uma tendência de gatos machos serem mais afetados, visto que possuem maior acesso à rua (BAZZI, 2015).

Os primeiros casos de esporotricose foram relatados em 1907, desde então, casos isolados e surtos foram relatados nos cinco continentes. A ocorrência de esporotricose em animais, especialmente gatos, vem sendo descrita em vários países (BARROS et. al. 2010). Na atualidade ela é um problema de saúde pública, visto que em alguns estados como o Rio de Janeiro já é de notificação obrigatória (PIRES, 2017).

Nesta sequência, diversos casos já foram relatados na zona sul do Rio Grande do Sul nos últimos anos, sendo considerada uma área endêmica. Apesar disso, a esporotricose continua sendo pouco conhecida da população desta região, mesmo com sua alta incidência e aumento do número de casos em humanos, resultando em um problema de saúde pública (POESTER et.al, 2018).

Tratando-se de uma zoonose, medidas preventivas devem ser tomadas para que a população tenha conhecimento da doença, especialmente em áreas endêmicas, a fim de evitar a disseminação. Nesse contexto, o objetivo deste trabalho foi avaliar o conhecimento da população através de um questionário sobre a esporotricose aplicado na cidade de Pelotas no estado do Rio Grande do Sul, assim como atuar na prevenção e prática educacional, levando conhecimento através da extensão da instituição de ensino até a comunidade.

2. METODOLOGIA

A fim de levar até à comunidade pelotense conhecimento sobre a esporotricose felina, integrantes do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em

Clínica de Pequenos Animais (ClinPet), vinculado à Faculdade de Veterinária da Universidade Federal de Pelotas, estiveram presentes em três eventos públicos distintos (Fenadoce, Mural G Biotec e I Semana de Proteção Animal), entrevistando, esclarecendo e entregando material informativo aos cidadãos presentes sobre a esporotricose.

Os entrevistados eram escolhidos aleatoriamente entre o público presente, sendo em tão convidados a responderem um questionário contendo seis perguntas, sendo estas: você tem animal de estimação; já ouviu falar em esporotricose; saberia dizer qual o principal animal doméstico com risco de inocular a esporotricose; saberia dizer se a doença é uma zoonose; saberia dizer alguma medida para prevenir a doença; acredita haver transmissão da doença em humanos.

Antes de iniciar os questionamentos, o entrevistador informava ao entrevistado para que este fosse o mais sincero possível durante os questionamentos, e a partir disso o entrevistador fazia as perguntas sem interferir e influenciar nas respostas, adotando uma postura totalmente imparcial, com a finalidade de tornar a avaliação o mais legítima possível.

No momento em que o questionário era finalizado, o estudante de Medicina Veterinária sob supervisão de um Médico Veterinário explicava ao entrevistado a epidemiologia da esporotricose, principais estados afetados, regiões endêmicas, medidas para prevenir a doença, mostrava imagens das lesões, com o objetivo de educar e informar o cidadão sobre a doença.

Por fim, o estudante entregava um *flyer* informativo sobre os principais fatores relacionados à etiologia da esporotricose, forma de transmissão e medidas preventivas, no intuito de difundir conhecimento da universidade até à população.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sabe-se que os animais de estimação proporcionam melhoria na qualidade de vida das pessoas, e isso vem tornando-se cada vez mais forte, mas apesar dos resultados positivos e inerentes dessa relação, os riscos das zoonoses existem e tornam-se reais (NUNES et. al, 2009).

Diante disso, o Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão foi até o público para promover uma ação informativa, objetivando entender as principais dúvidas da população em relação à esporotricose como micose que acomete felinos e humanos na forma de zoonose. As entrevistas, bem como os esclarecimentos foram realizados de novembro de 2018 a maio de 2019, sendo que 80 pessoas participaram da ação.

As atividades de extensão desenvolveram-se em três eventos públicos distintos, e com isso, os alunos envolvidos na ação educativa, mensuraram o grau de conhecimento da comunidade sobre a zoonose, esclareceram a forma de transmissão, os dados epidemiológicos e evidenciaram a importância da observação de felinos com lesões suspeitas da doença, sendo que 86% (69/80) dos participantes responderam ter animais de estimação, ou seja, notadamente tratava-se de um público alvo para que o conhecimento adquirido dentro da universidade fosse articulado e difundido com os cidadãos que estavam presentes.

Corroborando com isso, notou-se que a grande maioria, 71% (57/80) do público entrevistado nunca havia ouvido falar na esporotricose, mesmo com os relatórios recentes de surtos na cidade de Rio Grande, onde 50 proprietários de gatos infectados com a esporotricose foram entrevistados e 64% nunca havia ouvido falar na doença até seus animais apresentarem a micose. Apesar do

desconhecimento da doença, a esporotricose é zoonótica com mais de 5.000 casos registrados nos últimos 17 anos no estado (POESTER et al., 2018). Com isso, os alunos perceberam o quão importante era a necessidade do grupo de sair dos “muros” da universidade e fazer esse elo com a comunidade, integralizando no seu papel de promotor de conhecimento.

Os entrevistados também foram questionados e informados ao final do questionário em relação ao animal que predominantemente inocula a esporotricose, e 52% (42/80) afirmaram ser o gato o principal animal transmissor da doença. Neste momento, explicou-se os motivos do gato ser o principal disseminador da doença (SOUZA, 2006).

Por conseguinte, 63% (50/80) disseram saber que a esporotricose é considerada uma zoonose. Ressalta-se que apesar de algumas pessoas não conhecerem o termo técnico “zoonoses”, notou-se uma certa conscientização por parte dos participantes, de que animais podem transmitir doenças aos seres humanos, e ao saberem que poderiam adquirir a doença de animais, preocupavam-se em saber como prevenir (NUNES et al., 2009). Isso acabou por constituir um fator relevante para a ação promovida pelos alunos da Faculdade de Veterinária, que puderam compartilhar seus conhecimentos explanando sobre o significado de “zoonose”, a forma de transmissão entre felinos pelo hábito de arranharem, e a forma de transmissão para humanos, ilustrando através da distribuição de um *flyer* informativo o aspecto das lesões de gatos com esporotricose.

Em uma recente pesquisa do Centro de Controle de Zoonoses da Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura Municipal de Pelotas, a notificação de casos de esporotricose em animais e humanos, passou, respectivamente, de 45 e nove casos no ano de 2013, para 87 casos confirmados em animais e de 17 em humanos, e para 97 casos em animais e 21 casos em humanos confirmados em 2015. Entretanto, não há obrigatoriedade de notificação compulsória no estado, mesmo assim, a cidade de Pelotas implementou o Programa de Vigilância e Controle de Zoonoses Emergentes, sendo considerado o único município de todo o estado com esse tipo de controle. Através programa são realizadas diferentes ações específicas para prevenção e controle da esporotricose animal (MADRID, et al., 2017).

A enfermidade prevalece em condições onde há aglomerados de felinos, além disso a medicação de eleição para o tratamento da esporotricose é onerosa e inviável para população de baixa renda, tanto para o tratamento de humano infectado, quanto de animais. Além disso, o destino do animal infectado é outra causa preocupante, já que muitos tutores acabam abandonando ou até sacrificando os felinos acometidos (PETER et.al, 2016).

Diante do exposto, os participantes foram informados de que percebendo qualquer felino com lesões similares aos do *flyer* informativo, procurassem um médico veterinário para um diagnóstico efetivo, o Centro de Controle de Zoonoses ou um médico se as lesões suspeitas surgissem em humanos. Durante essas orientações e elucidações da enfermidade, os participantes foram bastante solícitos respondendo aos questionamentos e receberam de forma tranquila e receptiva os temas abordados e informações passadas pelos estudantes que se propuseram a fazer essa comunicação que se estabeleceu entre a universidade e a sociedade.

Sabe-se que é necessária a contínua informação à população sobre a esporotricose, objetivando diminuir o número de casos, visto que grande parte da população ainda desconhece a doença. Tais medidas devem ser tomadas pelas instituições de ensino, que podem e devem exercer a prática extensionista,

levando os saberes acadêmicos a quem não possui informação, visto que a universidade pública não deve ser um universo restrito, ou seja, quando a extensão é bem feita, ela norteia, educa e fortalece a relação universidade-comunidade.

Nesse contexto, amplia-se a responsabilidade do poder público e das entidades de ensino, objetivando diminuir os índices da doença, por entender-se que a universidade como instituição socializadora também é responsável por difundir conhecimento à comunidade, desenvolvendo ações de extensão que favoreçam o entendimento da sociedade, não se limitando apenas à formação dos alunos desta instituição. Destaca-se ainda, a necessidade de dar continuidade as ações inicialmente desenvolvidas, para que essa difusão de conhecimento tenha reflexo positivo no trabalho de conscientização a respeito do caráter zoonótico da doença.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se a necessidade de manter a população da cidade de Pelotas atualizada sobre a esporotricose e seus métodos de prevenção e controle, no intuito de evitar surtos, visando o bem-estar da saúde animal e da saúde pública como um todo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, MBL; SCHUBACH, TP; COLL, JO; GREMIÃO, ID, WANKE, B; SCHUBACH, A. Esporotricose: a evolução e os desafios de uma epidemia. **Rev Panam Salud Publica**. 2010;27(6):455–60.

BAZZI, T; **Características clínico-epidemiológicas, histomorfológicas e histoquímicas da esporotricose felina**. 2015. 39f. Dissertação (Mestrado de Pós-graduação em Medicina Veterinária, área de concentração em Patologia Clínica Veterinária) – Universidade Federal de Santa Maria.

MADRID, IM; OLIVEIRA DM; NETO FM. Ações de vigilância e controle da esporotricose zoonótica na cidade de Pelotas, estado do Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**. 2017.

NUNES, ERC; ALMEIDA, DB; GONCALVES, MA; SILVA, VM; MEDEIROS JÚNIOR, AG; ROSA, MGS; RODRIGUES, AEN. Percepção dos idosos sobre o conhecimento e profilaxia de zoonoses parasitárias; <http://www.eventosufrpe.com.br/jepex2009/cd/resumos/r0706-1.pdf>. 2016.

PETER JR; PIRES RS; ANDRADE FC. A esporotricose e seu impacto social. **Vittalle – Revista de Ciências da Saúde** 28 (2016) 111-114. Rio Grande, 2016.

POESTER, VR; BRANDOLT, TM; KLAFKE, GB; XAVIER, MO. Avaliação do conhecimento populacional sobre uma área de esporotricose em endemia no Sul do Brasil. **Rev. Bras. Pesq. Saúde**, Vitória, 20 (4): 25-30, out-dez, 2018.

SOUZA, L. L. et al. Isolation of *Sporothrix schenckii* from the nails of healthy cats. **Brazilian Journal of Microbiology**, v.37, p.372-374, 2006.